

Luis Alexandre

LÁGRIMAS
REVOLTOSAS
(da Ria Formosa)



EDIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E VENDAS
SÍLABAS & DESAFIOS - UNIPessoal LDA.
NIF: 510212891
www.silabas-e-desafios.pt
info@silabas-e-desafios.pt

Sede:
Rua Dorília Carmona, nº 4, 4 Dt
8000-316 Faro
Telefone: 289805399
Fax: 289805399
Encomendas: encomendar@silabas-e-desafios.pt

TÍTULO
LÁGRIMAS REVOLTOSAS (da Ria Formosa)

AUTOR
Luís Alexandre

1ª. edição
Copyright @ Luís Alexandre e Sílabas & Desafios, Unipessoal Lda., abril 2017
ISBN: 978-989-8842-16-9
Depósito legal: 426050/17

Pré-edição, edição, revisão e composição gráfica: Sílabas & Desafios Unipessoal, Lda.
Pré-impressão, impressão e acabamentos: Gráfica Comercial, Loulé

Capa: Sílabas & Desafios 2017; imagem da Ria Formosa @Luís Martins

Reservados todos os direitos. Reprodução proibida. A utilização de todo, ou partes, do texto, figuras, quadros, ilustrações e gráficos, deverá ter a autorização expressa dos autores.

“Se o caminho nos colhe, não adianta a direcção
de saltar de pedra em pedra! O que temos de fazer
é mudar de rumo!

Luís Alexandre

Dedicatória

(Para os meus amigos de infância, a memória das gentes de Faro e também de Olhão, de onde saíram os núcleos mais consolidados de ilhéus, neste texto publico o reconhecimento dos muitos sofrimentos quando alguns profissionais da pesca e suas famílias povoaram pelo trabalho e respeito ambiental empírico, dito em linguagem daquelas gentes, de forma sentimental e por proximidade das fainas e até do seu desenvolvimento à época, as ilhas-barreira da Ria Formosa e as riquezas até terra firme. Não se falava de Turismo e aproveitamento, como da poluição a céu aberto, que ainda hoje continua em pleno Séc. XXI, porque não tinha o grau de devastação moderna e havia uma resposta organizada do Estado através do trabalho regular de dragagens, há décadas abandonado, às ordens da suposta democracia que fez desta necessidade pública um negócio privado, imprevisto e muito caro para os cofres do erário, prejudicando os rendimentos de milhares de profissionais que sofrem as consequências).

Estas palavras sentidas e romanceadas, que são parte das minhas memórias de infância e que alguns desconhecedores poderão insinuar que pecam por exagero, quando o exagero está no

esconder da miséria construída e, porque os factos é que levam à Literatura, recuperam as histórias de vida de gente boa e simples, que nunca virou a cara às dificuldades. No olhar de adulto e tendo reconstruído algumas das vivências presenciadas, em que muitos conseguimos encontrar melhores rumos, mais me tocam as lágrimas que secavam nas faces, o doce, o brinquedo ou a volta no carrocel que eram negados por razões que se prendiam não só com os tostões e os sentimentos, mas pela perseverança de que o trabalho e a fé nas mudanças sociais iria produzir melhor futuro para os mais novos. O que mais me agrada constatar é que tudo isso aconteceu para muitos e bem-haja os que acreditaram, não desistiram e fizeram as mudanças. As pessoas são sempre mais fortes que os regimes!

Luís Alexandre

Prefácio

Este é um romance de certa forma autobiográfico do Luís Alexandre, bem estruturado, onde as histórias se entrecruzam, unindo-se entre si numa cadência e ritmos das vagas dos tempos de agruras, de lágrimas, mas também de algumas alegrias vividas ao sabor das marés da sorte e do azar ditados pelos acasos da vida, caldeados no clima do regime da ditadura salazarenta em que navegam os seus personagens e... que foi ontem.

A primeira e mais evidente virtude deste livro é agarrar o leitor logo nas primeiras frases, aliciando-o a visitar os locais e as casas onde decorrem os acontecimentos, conduzindo-o para a leitura da teia de histórias de vida nele contidas, metendo-o dentro dos cenários, porque induz à visualização, fazendo-o conviver naturalmente com os personagens e os seus contextos, não o deixando ficar indiferente dados os sentimentos gerados.

Nas tramas destes enredos estão impressos os retratos de gente que, como refere o autor, «nunca virou a face às dificuldades». Podiam fazê-lo - como tantos povos - mas preferiram antes lutar, que por vencida nunca a gente de Faro, da Ria Formosa se deu.

Vida feita por homens e mulheres que por opção de vida que herdaram, não baixaram - não baixam - os braços às dificuldades, enfrentando-as com verticalidade e coragem porque estavam – estão – gravadas no corpo e no espírito como matriz ancestral, a força e a coragem para combaterem as adversidades e, depois, porque «dos fracos não reza a história»...

São retalhos de vida sofrida pela sobrevivência num quotidiano quase sempre tingido pelos tons do sol dos largos, das ruas, das empenas e das açoteias do casario de Faro, mas também da areia da Ria, do mar e da maresia deste Sul, que, tal como nas fotografias, se registam de forma inesperada, ímpar e intemporal.

Este é um livro marcado pelo singular e perfeito domínio da língua portuguesa, com um «esqueleto» literário bem articulado, vogando entre o realismo fantástico latino-americano e o neorrealismo português, com passagem pela narrativa em jeito jornalístico de um viajante de todos os tempos.

Acima de tudo, esta é uma obra única, que relata um pedaço importante da História de vida, da labuta quotidiana dos homens e das mulheres da cidade de Faro, cuja marca identitária é a Ria Formosa que, tal como refere o autor a dado passo nestas páginas: «...de esquecida e de boa saúde

com os seus filhos, resistindo aos atrasos civilizacionais que lhe conspurcaram as águas, é agora olhada como um brinquedo pelos poderes que lhe ornamentaram as margens para outro tipo de avanços...».

Por fim, fica dentro de nós leitores, depois destas páginas lidas, gravada uma indelével imagem das vidas e dos cenários da cidade de Faro em tempos não muito distantes, que contribui para entendermos melhor a cidade e as suas gentes, na certeza de o conhecimento do passado nos ajuda a compreender e situarmo-nos no presente e a perspetivar o futuro.

Pedro Manuel Pereira

Catedrático

Capítulo 1

A morte como recompensa

Derreados, com o cair do Sol sobre um dos mais duros dias de trabalho, Manuel da Avó e o João “Dirina” nem queriam acreditar. Mil anos vivessem, entre a terra e o mar, entre as vagas do Cabo das Tormentas e os Himalaias de problemas, nas sinas das suas vidas ensombradas de que nada vem dos céus, nem o calor das verdadeiras amizades feitas de partilhas, quando puseram os pés em terra, depois de largarem o barco areeiro no canal da cava dos marinheiros, ali ao lado do Moinho da Torrinha, a primeira notícia que já voava na boca da brisa fresca da maresia, sentindo que as costas, a coluna vertebral, tinham vergado mais um pouco, foi a da morte do velho e bom camarada Manuel Salgadinho. O velho lobo-do-mar tinha sido tombado, não por qualquer vaga de mar revoltoso que tivesse enfrentado, mas pela escolha do chão de calmaria que o seu coração lhe deu de repente e em definitivo.

“Moce... vocês na sabem lá quem é que tá morte?” Anunciava o João “Macaco”, outro camarada

mariscador, que era o altifalante da notícia com o seu linguajar de ter fugido à escola. Comia as palavras e tínhamos dificuldade em percebê-lo. Repete lá? O Salgadinho morreu? Perguntou o Manuel da Avó, temendo pela crueldade da resposta. “Sim deve... até estrala... o desenfeliz do Salgadinho foi desta p’ra melhor... foi-se! Já tá lá o arraial de choro montado à porta...”

A volta a casa, depois do trabalho braçal árduo no viveiro a lançar areia, um trabalho regular para a respiração do marisco lançado para crescimento e rendimento, tal como o de remover os lismos depositados diariamente pelas foças das diferentes épocas de marés, se nos outros dias da faina passava por preferência pela taberna do Marinho, para derrubarem um ou dois copos de tinto na companhia do Salgadinho e confluência de outras camaradas, naquele cair de tarde... agora de finados, a direcção das passadas inusitadamente apressadas, foi de casa do malogrado. Cada palavra anunciada da morte presente, caminhando no silêncio, acompanhava as batidas coronárias aceleradas e os pensamentos embrulhados na vida de amizade e partilha por trás, fazendo da memória o melhor salão de culto. Os nossos passos... não eram os mesmos passos... íamos...

Mal dobrámos a esquina da Rua da Barqueta, esta já empedrada naqueles tempos, porque na cidade